

CATÁSTROFES ANTRÓPICAS

UMA APROXIMAÇÃO INTEGRAL

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

LUCIANO LOURENÇO
FÁTMA VELEZ DE CASTRO
(COORDS.)

GUERRAS EM SOCIEDADES ANÁRQUICAS WARS IN ANARCHIC SOCIETIES

Nuno Parreira da Silva

Tenente-Coronel da GNR, Doutor em Sociologia
Chefe do Departamento de Administração e Liderança da Academia Militar, Portugal
nuno.silva@academiamilitar.pt

Sumário: Neste subcapítulo procuramos refletir sobre as causas da guerra em sociedades anárquicas, abordando os conceitos analíticos de cultura e anarquia. Concluimos que num sistema de interações multifacetado e no contexto das teorias da paz e da guerra, a compreensão das relações que se estabelecem entre estes conceitos analíticos, requerem uma abordagem multidimensional, que considere, simultaneamente, os elementos culturais, materiais e institucionais, para avaliar uma propensão das sociedades anárquicas para a guerra e para a conceção de estratégias para promover a mudança.

Palavras-chave: Guerra, anarquia, cultura.

Abstract: In this subchapter we decided to reflect on the causes of war in anarchistic societies, addressing analytical concepts of culture and anarchy. We concluded that a system of multifaceted and interactions in the context of theories of peace and war, the understanding of the relationships that are established between these analytical concepts, require a multidimensional approach that considers the

cultural, material and institutional elements, to evaluate a propensity of anarchistic societies for the war and for the design of strategies to promote change.

Keywords: War, anarchy, culture.

Introdução

Neste subcapítulo pretendemos refletir sobre as causas da guerra em sociedades anárquicas, abordando os conceitos analíticos de cultura e anarquia, com recurso sempre que possível, ao *corpus* teórico já sedimentado das múltiplas áreas das ciências sociais que se têm dedicado ao estudo do fenómeno da guerra, tais como a ciência política, as relações internacionais, a sociologia e a antropologia.

Contudo, importa salientar que no essencial, a nossa reflexão será apoiada no modelo teórico de análise de Jack Snyder¹ pela sua maturidade analítica e metodológica, mas sobretudo pela sua pertinência e inovação no campo teórico e empírico das teorias da paz e da guerra, ao considerar simultaneamente os elementos culturais, materiais e institucionais, para avaliar uma propensão das sociedades anárquicas para a guerra e para a conceção de estratégias para promover a mudança.

A relação entre os conceitos de “anarquia” e “cultura”

Ao revisitarmos a obra Paz e Guerra (2003) de Raymond Aron, conseguimos perceber que autores como Snyder (2002) e Zakaria (1999), entre muitos ou-

¹ Professor no Robert and Renée Belfer of International Relations Saltzman Institute of War and Peace Studies, Department of Political Science Columbia University. Este autor americano conta já com uma vasta produção científica e tem desenvolvido as suas investigações centradas nas áreas da teoria das relações internacionais, sobre temas como: “Cultura e Anarquia”; “Democratização e Guerra”; “Tribunais para Crimes de Guerra versus Amnistias”; “Teoria das Relações Internacionais, depois do 11 de Setembro”.

tros, constituem uma nova escola americana que retoma a velha orientação europeia de Aron, ou seja o denominado realismo neoclássico.

Neste sentido, é preciso reconhecermos que esta escola trouxe novamente a política interna para o debate realista, congregando novas variáveis causais, como crenças e valores, e conferindo uma maior capacidade explicativa à teoria realista, enquanto teoria dominante das relações internacionais desde o término da segunda Guerra Mundial, contribuindo desta forma para o avanço científico da teoria das relações internacionais.

Os autores desta nova escola americana entendem que a anarquia internacional é insuperável, pois a competição e a conflitualidade são particularidades do sistema internacional e porque não existe nenhuma autoridade acima do Estado com capacidade para regular as suas relações. No entanto, é possível politicamente controlar a sua dimensão e a sua natureza. Resulta igualmente desta perspetiva, que o Estado enquanto ator principal do sistema internacional, para sobreviver e desenvolver-se no sistema internacional, deve entender a segurança como o seu interesse mais relevante, já que sem segurança os outros objetivos do Estado não serão viáveis. A partir deste cenário e segundo a teoria realista, desde a sua origem hobbesiana², o estudo da segurança/insegurança passou a ser um dos principais problemas no estudo das relações internacionais.

Contudo devemos ter em consideração que esta conceção determinística atribuída à anarquia, principalmente por autores representantes do neorealismo como Kenneth Waltz (1988), é contestada por autores como Alexander Wendt³ (1992), designadamente quando defende que a anarquia é “*aquilo que os Estados querem que ela seja*”, o que significa que tanto pode derivar numa lógica de conflito, como numa lógica de cooperação entre os Estados (Pureza, 2010).

² O Filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), autor de *Leviatã* (1651), viveu numa época de guerra constante. Tal facto influenciou de forma significativa o seu pensamento, ou seja, tinha uma perspetiva da vida em que todos estão em guerra contra todos e quem não luta morre. Entendia que o fim último do Homem é a sua auto-preservação.

³ A este respeito consultar: Wendt, A. (1992), “Anarchy is what states make of it. The social construction of power politics”, *International Organization*, 46, 391-425 e Wendt, A. (1999), *A social theory of international politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Para assegurar a coerência da sua teoria, Wendt (1999, cit. em Pureza, 2010) reconhece a existência de três culturas de anarquia. A “anarquia hobbesiana” assente numa “cultura de inimizade”, onde os Estados interagem segundo uma lógica de competição e conflito, baseada essencialmente na desconfiança de uns relativamente aos outros. A “anarquia lockeana” baseada numa “cultura de rivalidade” em que a centralidade da soberania de cada Estado potencia uma competição entre eles, sem que isso represente uma tentativa de destruição do outro. Por fim, a “anarquia kantiana” que assenta numa “cultura de amizade”, onde se verifica uma propensão dos Estados para a resolução pacífica das suas controvérsias e para a cooperação entre eles.

Tendo por base esta tipologia de culturas de anarquia, Wendt apresenta três procedimentos distintos de apropriação pelos Estados de uma das referidas culturas de anarquia. O primeiro procedimento, baseado na força, implica a valorização de motivos de sobrevivência e de relação de forças para a aceitação das regras do jogo conflitual. O segundo procedimento, baseado nos interesses, consiste na ponderação prévia, por cada Estado, de custos e de benefícios dos impactos dos distintos cenários de cultura de anarquia. Por fim, um terceiro procedimento, baseado na legitimidade, que presume a assunção da anarquia como contexto natural, originando uma atitude também natural de amizade e de cooperação entre os Estados que nela se relacionam (Wendt, 1999, cit. em Pureza, 2010).

Face ao exposto, parece ser possível afirmar que a variável anarquia isoladamente não é suficiente para explicar o comportamento dos Estados, o que existem são diferentes graus de anarquia, e esses graus resultam da relação entre Estados. Por outro lado, autores como Snyder (2002) alertam-nos para a existência de uma lista de possibilidades, não necessariamente restrita, para imaginar a relação entre os conceitos de anarquia e cultura. No entanto, ironicamente, à luz de uma agenda ativista ambiciosa dos proponentes de abordagens culturais para as relações internacionais, a sua abordagem unidimensional limita os agentes a um conjunto peculiarmente circunscrito de ferramentas para promover a mudança política.

As causas da guerra em sociedades anárquicas: modelo teórico de Jack Snyder

Segundo Snyder (2002), alguns dos mais proeminentes teóricos, afirmam que uma mudança fundamental na natureza da política mundial pode ser provocada por esforços para mudar ideias, normas e cultura prevalecente. De acordo com essa perspectiva, o comportamento em anarquia decorre da cultura predominante, pois a realidade social é, conforme refere Snyder (2002) citando Alexander Wendts⁴ “*ideas almost all the way down*”.

Para salientar este ponto de vista, Snyder (2002) conduz-nos a uma contextualização muito cuidada e completa do seu objeto de estudo, utilizando um corpo de conhecimentos teóricos da antropologia da guerra⁵.

Neste contexto, convém recordar que a antropologia da guerra é algo de novo no seio dos estudos antropológicos, sendo inclusive concebida por alguns autores com um tipo de especialização da antropologia política (Florêncio, 2002). Segundo Florêncio (2002) a antropologia da guerra pretende constituir-se como um corpo de conhecimentos sobre os mecanismos sociais da produção da violência, conflitos e guerras. Referindo ainda que é a partir da década de 70, início da década de 80, que se assiste a um enorme aumento dos estudos antropológicos sobre a violência e nomeadamente sobre os conflitos armados. Nesta fase foi evidente uma mudança paradigmática, “*já não se trata de estudar as características intrínsecas de uma dada sociedade, em termos do uso da violência endógena mas sim de analisar as relações de violência e conflito de certas sociedades locais com unidades políticas mais vastas e envolventes, tais como os Estados*” (Florêncio, 2002, 350-352).

⁴ Obra célebre de Alexander Wendts “Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics”. *International Organization* 46 (2): 391-425, de 1992.

⁵ Segundo Keith Otterbein a história do percurso da antropologia da guerra pode ser demarcada em quatro grandes períodos: “o período da fundação (1850 a 1920); o período clássico (1920-1960); a idade dourada (1960-1980); e o período recente” (Florêncio, 2002, p.348, cit Otterbein, 1999: 794-805).

Para uma análise mais detalhada sobre a antropologia da guerra consultar as obras: Malinowsky, B. (1941). “An Anthropological Analysis of War”, *American Journal of Sociology*, XLVI (4), 521-550; Otterbein, Keith F. (1973). “The Anthropology of War”, Honingmann, J. (ed.), *Handbook of Social and Cultural Anthropology*, Chicago, Rand McNally Company; Otterbein, Keith F. (1999). “A History of Research on Warfare in Anthropology”, *American Anthropologist*, 101, 794-805. Geffray, Christian (1990). *La Cause des Armes au Mozambique. Anthropologie d'une Guerre Civile*. Paris: Karthala (versão portuguesa: *A Causa das Armas em Moçambique: Antropologia da Guerra Contemporânea*, Porto, Afrontamento, 1991).

Partindo deste quadro teórico da antropologia da guerra, Snyder (2002) recorre às investigações realizadas pelos antropólogos, i.e. a estudos etnográficos que estudaram as causas da guerra em anarquias pré-industriais e que testaram amplamente esta hipótese, tendo concluído que o comportamento de guerra não pode ser reduzido a fatores materiais ou culturais isoladamente e que a cultura como variável independente é insuficiente para explicar o fenómeno dos conflitos armados, deparando-se desta forma com um problema.

Para tentar explicar a dificuldade expressa neste problema e estando consciente como investigador que não existe observação ou experimentação que não assente em hipóteses, enunciou as seguintes:

- A “material-ambiental”, que pressupõe que ambientes anárquicos podem conduzir à guerra por uma variedade de razões materiais. Sentimentos de insegurança e recursos escassos em Estados anárquicos podem ser suficientes para originar a guerra entre grupos;
- A “institucional”, que pressupõe que o comportamento em anarquia pode variar consoante os arranjos institucionais dentro das unidades;
- A “cultural”, que pressupõe que os indivíduos interiorizam mensagens simbólicas e são socializados de acordo com os padrões culturais.

Através desta formulação de hipóteses, o autor assume como ambição, alargar a abrangência teórica e empírica dos estudos realizados pelos antropólogos, defendendo uma análise integrada que leve em conta a interação entre variáveis materiais, institucionais e culturais, para avaliar uma propensão das sociedades anárquicas para a guerra e na conceção de estratégias para promover a mudança.

Desta forma, Snyder (2002), partindo de uma abordagem metodológica assente no realismo neoclássico/aroniano, operacionalizou os conceitos analíticos de guerra, anarquia, cultura e instituições, para posteriormente conseguir definir um conjunto de hipóteses que tentam reduzir a explicação do comportamento da guerra em anarquia para um dos três tipos de causas: material-ambiental; institucional; ou simbólico-cultural. Ou seja, é um dos autores que aborda os efeitos da cultura de acordo com a visão da antropologia da guerra e além disso

ainda aborda a temática da paz democrática⁶, como um sistema “material–institucional–cultural”, para a compreensão dos processos de mudança no sistema internacional contemporâneo.

Para atingir o seu objetivo principal, que é a construção de modelos de causalidade num sistema social complexo, desenvolveu três possíveis abordagens⁷ que tentam integrar os fatores materiais, institucionais e culturais nas explicações do comportamento da guerra em anarquia.

Na primeira abordagem, que assenta numa perspectiva monocausal, encaixa hierarquicamente os fatores, institucional, material e cultural. Na segunda abordagem, trata os fatores, materiais, institucionais e culturais como variáveis totalmente independentes e analisa os efeitos resultantes das suas interações. Enquanto na terceira abordagem, analisa a anarquia como um sistema de ação historicamente desenvolvido, considerando de forma integrada os fatores materiais, institucionais e culturais.

Aqui chegados, arriscando uma análise crítica ao modelo teórico de análise de Snyder, poder-se-á afirmar que o autor aceitou um desafio particularmente difícil para um politólogo especialista em relações internacionais, na medida em que utiliza um corpus teórico e metodológico da antropologia, que pressupõem a utilização de métodos e técnicas de investigação muito diferenciadas, baseadas maioritariamente em pesquisas de terreno, mais ou menos prolongadas no tempo, através da interação entre observadores e observados. A particular forma de estudo da ciência antropológica implica um conhecimento profundo das técnicas e métodos comuns a todas as ciências sociais, mas também um domínio

⁶ Teoria da Paz Democrática surgiu, por Immanuel Kant, no Tratado da Paz Eterna e defende a máxima de que países democráticos não entram em guerra com outras democracias, estabelecendo assim um cenário internacional favorável ao estabelecimento da paz. Snyder e Mansfield (1995) foram dois dos autores que participaram nesta discussão académica que está vertida em diversos dos seus artigos escritos desde 1990 até 2000, tais como: “Democratization and the Danger of War” (1995), “The Effects of Democratization on War” (1995), “Democratization and War (1995)”, “Democratic Transitions and War: From Napoleon to the Millennium’s End” (2001) e “Incomplete Democratization and the Outbreak of Military Disputes” (2002). Todavia, na obra *Electing to Fight* (2005), Snyder e Mansfield sublinham que não estão contra à ideia da paz democrática, mas sim estão contra os mecanismos utilizados para atingi-la, sem que sejam observadas e respeitadas as particularidades de cada país. Acresce ainda referir que autores como Rosato (2003), Layne (1994) e Gowa (1999) demonstram que a teoria da paz democrática não é tão consistente como parece. Entre nós consultar, ainda Barroso (2007).

⁷ e.g. hierarchical nesting; interacting variables; systems approaches.

da etnografia e da etnologia. É caso para referir, que existe maior afinidade entre as abordagens desenvolvidas pelos antropólogos e pelos sociólogos, do que aquela que existe entre as abordagens propostas pelos politólogos e antropólogos.

Neste contexto, se por um lado o maior ponto forte deste modelo é a sua amplitude e multidisciplinaridade, tornando mais difícil a identificação de eventuais “imperfeições de raciocínio”, por outro lado, essa amplitude na abordagem, também pode ser vista como a sua maior fraqueza, na medida em que ficam evidentes, algumas fragilidades no domínio metodológico.

Assim, se admitirmos que Snyder, como qualquer investigador definiu como meta de investigação a tão difícil e ambicionada “generalização”, ou seja, a possibilidade de extrapolar as suas conclusões e que partiu do conhecimento teórico existente, ou seja, dos resultados empíricos fornecidos pelas pesquisas de antropológicas anteriores, sendo que a teoria antecedeu o objeto de investigação, facilmente verificamos que é aqui que reside a maior fragilidade deste modelo.

Um tema com múltiplas dimensões de análise e tão complexo como é a “cultura e anarquia” no contexto das teorias da paz e da guerra, exigiam a utilização combinada de métodos qualitativos e quantitativos na mesma investigação. Ainda que tenhamos consciência que, neste caso poderia existir uma predominância da abordagem “quantitativa” sobre a “qualitativa”, sendo a investigação qualitativa facilitadora da quantitativa e o inverso também se pode verificar.

De facto, para uma melhor compreensão destas fragilidades metodológicas quanto ao modelo teórico de análise de Snyder, temos que visitar a célebre obra de Jack Levy, *War in the Great Power System, 1495-1975*, escrita em 1983, onde o autor afirmava perentoriamente que apesar da importância acrescida que o estudo do fenómeno global da guerra evidencia, o nosso conhecimento sobre o mesmo mantém-se a um nível elementar. Por outro lado, também entendia que apesar da literatura neste domínio ser caracterizada pela sua proliferação e grande competitividade de teorias, por vezes até contraditórias, não se conhecem teorias sobre as causas da guerra que sejam amplamente aceites pela comunidade académica, o que existe é apenas algum consenso quanto às metodologias a utilizar para identificar essas causas (Levy, 1983).

No contexto desta reflexão é comumente aceite que vivemos numa época de acelerada mudança social, onde elevado ritmo dessa mudança e a consequente multiplicidade de atores que se confrontam no sistema internacional, proporcionam aos investigadores novos contextos sociais e novas perspectivas para estudarem as causas da guerra.

Este cenário onde decorre o estudo científico da guerra tem levado mesmo alguns investigadores a modificarem ou ajustarem os seus posicionamentos teóricos que já davam como consolidados e imutáveis. Ora, um dos autores que procurou ajustar o seu posicionamento foi precisamente Snyder (2012) quando publicou a obra - *Power And Progress, International Politics In Transition*. Nesta obra procurou compilar uma seleção dos seus artigos referentes a “anarquia, democratização e impérios”, que foram publicados entre 1990 e 2010, minimizando desta forma algumas fragilidades identificadas inicialmente pelo próprio autor e outras por alguns dos seus críticos.

Conclusão

Após termos clarificado o percurso, nem sempre pacífico, da reflexão científica em torno dos conceitos de cultura e anarquia num sistema de interações multifacetado e no contexto das teorias da paz e da guerra, estamos finalmente em condições de afirmar que a compreensão das relações que se estabelecem entre estes dois conceitos analíticos é na conjuntura atual, uma necessidade premente.

Se ignorarmos estas interações multifacetadas, teremos previsivelmente conclusões redutoras, já que uma abordagem unidimensional limita necessariamente os estudos sobre a cultura e a anarquia. Por outro lado, também ficou evidente que num sistema complexo as consequências de qualquer mudança podem ser previstas apenas se considerarmos a sua interação com outros elementos do sistema, tais como as circunstâncias materiais, institucionais e as escolhas estratégicas, bem como ideias e cultura.

Assim sendo, ficou evidente que a contribuição de autores como Snyder (2002) para o estudo científico da guerra reside na sua abordagem promissora que faz sobre as causas da guerra, tendo por base um conjunto de estudos etnográficos sobre guerras em sociedades sem Estado, que lhe permitiram verificar que a cultura como variável independente não era capaz de explicar os conflitos armados. O autor sustentou ainda que só através de uma análise que considerasse a interação entre as variáveis materiais, institucionais e culturais, é que seria possível explicar as várias formas em que constrangimentos situacionais em anarquia podem estar relacionados com a mudança dos padrões culturais.

Acresce ainda referir que autores como Mansfield e Snyder (2000) também procuraram demonstrar como a fase da democratização pode produzir comportamentos mais agressivos e, inclusivamente, dirigidos contra outras democracias. Pois partem do pressuposto que nem mesmo as teorias estratégicas de paz democrática, que classicamente estudam a relação entre regime e guerra, conseguem responder ao desafio imposto pelas estruturas do sistema internacional. Tal situação evidencia que hoje, principalmente no campo da ciência política e das relações internacionais, os decisores políticos e os militares necessitam de uma predisposição teórica capaz de compreender o pluralismo existente no complexo sistema internacional.

O estudo dos conflitos armados continua a ser mais do que necessário, uma obrigação, pois a possibilidade de ocorrer uma guerra entre os principais atores do sistema internacional é um cenário que não pode, nem deve ser eliminado, pois não se “conhece nenhum período da história da Humanidade em que a guerra tenha estado ausente” (Moreira, 1964). A este propósito também gostaríamos de recordar Aron (2003, p.16) quando referia que a teoria das relações internacionais não se devia reger pelos mesmos princípios que as teorias económicas, deve é reconhecer que se há uma multiplicidade de centros autónomos de decisão, logo, num mundo de pluralidade de atores, o risco de guerra está sempre presente, e é a partir desse risco que são deduzidos os cálculos dos Estados.

Por último, gostaríamos de sublinhar, da acrescida importância de continuarmos a estudar e investigar as causas, a natureza e os requisitos do fenómeno da guerra, pois como nos recorda o Sociólogo francês Gaston Bouthoul⁸ (1966) “*Se queres a paz, estuda a guerra*”.

Referências Bibliográficas

- Aron, R. (2003). *Peace and War – a Theory of International Relations*, New Brunswick: Transaction Publishers
- Barroso, L. F. M. (2007). A Paz Democrática, o Iraque e o Perigo de Guerra. In: *Revista Militar*. Lisboa: Empresa da Revista Militar, 575-599
- Bouthoul, G. (1966). *O fenómeno guerra*, Lisboa: Estúdios Cor.
- Christensen, T & Snyder, J. (1990). Chain Gangs and Passed Bucks: Predicting Alliance Patterns in *Multipolarity, International Organization*, 44
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de estratégia – apontamentos para um curso*. Pedrouços. Instituto de Altos Estudos Militares. Vol. I e II.
- Florêncio, F. (2002). Christian Geffray e a Antropologia da Guerra: Ainda a propósito de La cause des armes au Mozambique, *Etnográfica*, VI, 29, 347-364
- Frost, B. (2007). Raymond Aron e as Teorias das Relações Internacionais, perspectivas para o século XXI, In: Teixeira, NS; Almeida, JM; Gaspar, C, (coord.) Raymond Aron, *a Paz e a Guerra no século XXI*, Lisboa: Edições Cosmos/IDN
- Garcia, F. P. (2010). *Da Guerra e da Estratégia a nova Polemologia*, Lisboa: Prefácio.
- Geffray, C. (1991). *A Causa das Armas em Moçambique: Antropologia da Guerra Contemporânea*, Porto: Afrontamento.

⁸ O sociólogo Gaston Bouthoul (1896-1980), considerado por muitos autores como um dos grandes especialistas do fenómeno da guerra, criou em 1945, com Louise Weiss, o Instituto Francês de Polemologia, cujas revistas «Guerres et paix» desde o final da década de 60 e depois «Études polémologiques» divulgaram conhecimentos sobre a Guerra, com especial destaque para as tabelas de frequência do fenómeno guerra e verdadeiros barómetros das violências coletivas. Entre nós não poderíamos deixar de referir que um dos autores que mais se evidenciou em Portugal no estudo da Guerra e da Estratégia foi Abel Cabral Couto que definiu a guerra como: “*a violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares*” (Couto, 1988, p.148). Mais recentemente, Francisco Proença Garcia na sua obra “Da Guerra e da Estratégia, a nova Polemologia” define guerra na linha de Clausewitz, como: “*a violência armada e sangrenta, entre grupos organizados, que cria e se desenvolve num ambiente hostil, inerentemente incerto, evolutivo, tendo como finalidade mais evidente o acesso ao, ou a manutenção do, poder*” (Garcia, 2010, p. 63).

- Gowa, J. (1999). *Ballots and Bullets: The Elusive Democratic Peace*, Princeton: Princeton University Press
- Layne, C. (1994). Kant or Cant: The Myth of the Democratic Peace, *International Security*, 19, 2, 5-49
- Levy, J. S. (1983). *War in the Modern Great Power System 1495-1975*. Kentucky: The University Press of Kentucky.
- Malinowsky, B. (1941). An Anthropological Analysis of War, *American Journal of Sociology*, XLVI (4), 521-550.
- Mansfield, E. & Snyder, J. (2000). Democratization and danger of war. In: Brown, Michael E. *et al.*, *Theories of war and peace: an international security reader*. Cambridge: MIT
- Mansfield, E. & Snyder, J. (2002). Democratic Transitions, Institutional Strength, and War. *International Organization*, 56, 2, 297-337
- Mansfield, E. & Snyder, J. (2005). *Electing to fight – Why Emerging Democracies go to War*, Cambridge: MIT Press
- Moreira, A. (1964). Fronteiras Ideológicas, In: *Ideologias Políticas*, Lisboa: ISCSPU
- Otterbein, K. F. (1973). The Anthropology of War, Honingmann, J. (ed.), *Handbook of Social and Cultural Anthropology*, Chicago, Rand McNally Company.
- Otterbein, K. F. (1999). A History of Research on Warfare in Anthropology, *American Anthropologist*, 101, 794-805.
- Pureza, J. M. e Moura, T. (2005). Violência(s) e guerra(s): do triângulo ao continuum, *Revista Portuguesa de História*, 37, 45-63.
- Pureza, J. M. (2010). *Construções Teóricas da Paz: Relatório da Unidade Curricular*. Relatório apresentado para as Provas de Agregação na área de Relações Internacionais. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Acedido a 26 de outubro de 2016, em: <http://hdl.handle.net/10316/13062>
- Rosato, S. (2003). The Flawed Logic of Democratic Peace Theory. *American Political Science Review*, 97, 4, 585-602
- Snyder, J. (1991). *Myths of Empire, Domestic Politics and International Ambitions*, Ithaca: Cornell University Press
- Snyder, J. (2002). Anarchy and Culture: Insights from the Anthropology of War. *International Organization*, 56, 1, 7-45
- Waltz, K. (1988). The origins of war in neorealist theory, *Journal of Interdisciplinary History*, 18 (4), 615-628
- Wendt, A. (1992). Anarchy is what states make of it. The social construction of power politics, *International Organization*, 46, 391-425
- Wendt, A. (1999). *A social theory of international politics*. Cambridge: Cambridge University Press
- Zakaria, F. (1999). *From Wealth to Power*, Princeton: Princeton University Press.